

Conversar ou trabalhar um tema?

Algumas ideias sobre literatura, conhecimento e formação de leitores

Ana Carolina Carvalho

Eis uma questão que se faz presente no cotidiano de quem é educador ou mediador de leitura. Ainda ouvimos muito um tipo de pedido em torno de indicações literárias: preciso de um livro que aborde.... medos, luto, exclusão, separação dos pais, racismo, e por aí vai. O mercado editorial busca responder a essas demandas com uma diversidade grande de abordagens que vão desde livros profundos e que apresentam muitas camadas de leitura até as receitas prontas, claramente endereçadas a “passar algum tipo de mensagem às crianças”, livros estes que nem sempre podem ser considerados literários ou, no limite, constituem literatura de pouca qualidade, na medida em que procuram oferecer respostas ao invés de abrir um mundo de reflexões e perguntas para as crianças: o que penso sobre isso? Como isso acontece em minha vida? O livro funciona como espelho para meus sentimentos e pensamentos ou me causa estranhamento, espanto, desconcerto?

Outro dia, uma amiga me telefonou pedindo livros que tratassem sobre transexualidade, bullying e raiva, para crianças em torno de 6 a 7 anos. Fiquei pensando sobre esse pedido. Minha amiga é bastante leitora e muito conversadora, aberta a polêmicas, à escuta ao diálogo. É do mundo das artes, e por isso, está acostumada à presença das metáforas, das construções de sentidos e da multiplicidade que há na recepção de uma obra de arte. Não é da área de educação e nem está acostumada às reflexões em torno da formação de leitores. Contudo, esse tipo de pergunta nós também costumamos ouvir dos professores, coordenadores pedagógicos e afins. A ideia da literatura como meio para se acessar determinados assuntos está na escola e no mundo.

Leitores assíduos sabem que a literatura também serve para isso. Lemos, muitas vezes, porque queremos, sim, refletir sobre determinados temas. No entanto, nos causa desconforto quando ouvimos esse tipo de pedido: preciso de um livro para crianças de tal idade para discutir tal assunto. Por que o desconforto? Talvez porque por trás dessa solicitação existe uma concepção de literatura, de leitor e de criança que incomoda.

Uma criança de 6, 7 ou 8 anos é uma criança singular. Embora possam partilhar vivências semelhantes, isso nem sempre acontece. Cada criança tem um jeito de ser, nasceu de uma família específica, viveu em determinado contexto, passou por experiências únicas, tem preferências próprias, mesmo que perpassadas pelo social ou por um contexto maior semelhante, não podemos afirmar de olhos fechados que duas crianças de 6, 7 ou 8 anos gostariam do mesmo livro, ou seriam tocadas de forma semelhante por ele.

O leitor e a literatura. Eu sempre fico com a pulga atrás da orelha quando escuto: eu preciso de um livro para trabalhar isso e aquilo. Há uma questão aqui: EU = adulto, professor, mediador. Parece-me que tem aí uma unilateralidade por parte do adulto: ELE deseja que as crianças leiam aquele livro para que aquilo que ELE tem em mente venha à tona. Normalmente, é essa a ideia. É evidente que o adulto mediador de leitura é peça chave na escolha do que as crianças ou estudantes lerão. Todavia, o pedido poderia ser feito de outra maneira? E se este adulto formulasse: observo uma necessidade do grupo e gostaria que as

crianças tivessem contato com um livro que abordasse isso ou aquilo, ou que movimentasse esse tema, que trouxesse à tona, que as fizesse pensar sobre isso, que favorecesse conversas sobre determinado assunto. Desta forma, o pedido já vem com o protagonismo da criança e com o papel do adulto de mediador, disparador, provocador de conversas, embutidos. Pensar quais livros podem trazer o assunto à tona parece-me mais generoso com a diversidade de leitores e com o fato de que o leitor imprime sentidos pessoais àquilo que lê e que isso, aliás, é condição própria da leitura. Por outro lado, a literatura nunca pode entrar na seara da lição, ela está na seara da experiência e do movimento. O leitor é ativo, é singular, é provocado por outros leitores, outros olhares, outras percepções, leituras anteriores e pelo contexto em que se lê. Trabalhar um tema é olhar para ele como uma lição a ser aprendida; conversar sobre um assunto é partilhar diferentes opiniões, é abrir espaço para pensamentos diversos.

E a qualidade do livro, onde entra nisso? É importante dizer que os bons livros, ou seja, aqueles que apostam na inteligência do leitor, que favorecem uma experiência estética por meio da construção da narrativa textual e visual, que trazem camadas diversas de leituras, que não são óbvios, que provocam diferentes olhares, interferem, e muito, na leitura. Mas claro que isso também tem a ver com a forma como se lê e como se pensa e faz a mediação. Um bom mediador pode polemizar, provocar os leitores mesmo com um livro mediano ou de menor qualidade. Ao passo que um bom livro em si mesmo não garante que a leitura seja esse terreno fértil de trocas entre os leitores, se não se der espaço para diferentes olhares, tempo para exploração, se não pensarmos em diálogos mais abertos, sejam eles disparados por perguntas que não apresentam uma única resposta, sejam provocados por uma opinião do mediador, que abre para que outros confrontem ou concordem, com argumentos.

Contudo, uma coisa é certa: se sentimos necessidade de aprofundar um tema e se desejamos fazer isso por meio da literatura, é fundamental que tenhamos em mente a conversa, o diálogo, diferentes opiniões, movimento de ideias, pensamentos que circulam, e se modificam. Aprofundar um tema é isso, depende que a “coisa toda” aconteça na coletividade – seja em grupo, em trio ou a dois, nem que seja entre leitor e autor, é sempre construção em conjunto. Aprofundar um tema não é fechar, reduzir a uma resposta ou mensagem definida e definitiva. Ao contrário, é poder fazer mais e mais perguntas sobre ele. É estar aberto para o mistério e para a surpresa: o que os leitores pensarão daquela trama do texto, o que dirão, ou como serão tocados por aquilo que leram? Quais reflexões e construções de sentidos surgirão na troca de ideias entre os leitores? Como aquele tema, tão necessário para aquele grupo, por exemplo, pode se movimentar, provocar, mover ideias e pensamentos? Eis o verdadeiro “trabalho” que podemos almejar com a leitura. E, para isso, certamente podemos contar com a literatura.